

# A recriação do lugar

NOVE ARTISTAS PORTUGUESES  
NUMA EXPOSIÇÃO QUE DIALOGA  
COM O ESPAÇO ENVOLVENTE

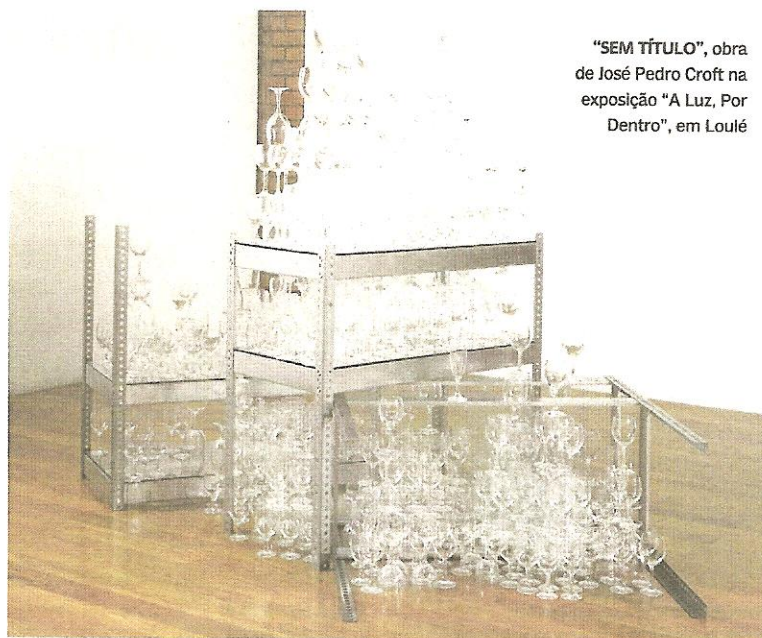
TEXTO DE CELSO MARTINS

**SE, NO ESSENCIAL** da sua lógica, a operação Art Algarve, que integra o evento Allgarve 09, permanece uma operação turística e económica, alguns aspectos positivos são de assinalar na presente edição, coordenada por Guta Moura Guedes. Os horários das exposições foram alargados para horas mais consentâneas com a época balnear (com fechos às 23h); as exposições englobam um maior número de obras inéditas; e o número de instituições participantes aumentou, contando agora com a Fundação de Serralves, o Centro de Artes Visuais de Coimbra, a Fundação Calouste Gulbenkian, o Museu Coleção Berardo, o BES Art e a Caixa Geral de Depósitos (CGD).

Foi a partir da coleção desta última, e comissariada por João Silvério, que se produziu "A Luz, Por Dentro", uma exposição instalada no carismático (e a precisar de restauro) palacete da Quinta da Fonte da Pipa, em Loulé, e que reúne obras de nove artistas portugueses.



**A LUZ, POR DENTRO**  
Quinta da Fonte  
da Pipa, Loulé  
até 27 de Setembro



"SEM TÍTULO", obra de José Pedro Croft na exposição "A Luz, Por Dentro", em Loulé

Uma das virtudes desta mostra é um factor que com frequência falta às exposições do Allgarve e mesmo a outras apresentações mais abrangentes da coleção da CGD: a capacidade de gerar relações significativas com o lugar de inserção, como acontece aqui, com trabalhos especialmente encomendados a Armanda Duarte, Luísa Cunha e José Pedro Croft. A primeira apresenta obras de uma particular delicadeza, como uma paisagem no chão feita em linha e o inédito "Meio Caminho", um corredor sem saída feito em frágeis ripas de madeira instalado no jardim do palácio. "Sweet Bloody Life", de Luísa Cunha, é uma obra particularmente impressionante, pelo efeito sonoro produzido (uma sala vazia que, ciclicamente, é varrida pelo som de um tiro). E "Sem Título", de José Pedro Croft, que com recurso aos espelhos reencena e reinventa uma das salas do palácio, é um excelente exemplo de como se pode aproveitar as condições de um espaço preexistente e

simultaneamente acrescentar novos dados criativos a um já longo percurso pessoal.

Depois, há ainda trabalhos de artistas que vêm marcando a arte portuguesa dos últimos dez anos, como "Berlin Zoo, Part 02", um vídeo de 2002, importante no trajecto de Filipa César; "My Bloody Valentine", de 2000, de Rui Toscano, que mostra sublimes imagens de céus com uma banda sonora que é um clímax musical contínuo e quase insuportável; o filme "Shoe 1", de 2000, literalmente realizado com desenhos animados de Jorge Queirós; ou a disfuncional mesa de pingue-pongue de Ricardo Jacinto. A estes juntam-se trabalhos de Bruno Pacheco e João Paulo Feliciano, numa mostra que revela, simultaneamente, uma escolha cuidada de obras e um curto mas representativo panorama da arte portuguesa actual, que inclui algumas surpresas gratificantes.

*(O Expresso viajou a convite do Turismo de Portugal)*